



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Primeiro-Ministro da Itália, Silvio Berlusconi

São Paulo-SP, 29 de junho de 2010

_____ : Teremos uma breve palavra do presidente Lula, uma breve palavra do presidente do Conselho de Ministros da República da Itália. Em seguida, vamos para três perguntas conforme o acordado com os colegas.

Presidente Lula com a palavra.

Presidente: Eu, sinceramente, não sei se seria necessário dizer alguma palavra, porque eu e o Berlusconi já falamos em demasiado, lá. Eu penso que, da minha parte, eu me coloco à disposição para as perguntas de você.

Silvio Berlusconi: (em italiano)

Presidente: Não está funcionando o som.

Silvio Berlusconi: (em italiano)

_____ : Muito bem, então vamos à primeira pergunta do colega Ricardo Lessa, TV Globo News.

Jornalista: (incompreensível) o presidente Lula. Presidente, hoje – tudo bom? Boa tarde – o senhor, hoje, no artigo do Financial Times, o senhor reafirma o seu interesse em desempenhar um papel internacional mais forte a partir de 1º de janeiro, defendendo os países da América Latina e da África. Eu queria que o senhor detalhasse como o senhor pretende exercer, vamos dizer, esse maior



papel internacional, se é através da ONU ou não, que tipo de coisa, e como vai conciliar esse papel mais internacional com o de conselheiro da sua candidata, que, se for eleita, vai precisar dos seus conselhos.

Presidente: Primeiro, eu acho que nenhum presidente eleito vai precisar de muito conselho. Olha, eu, na verdade, se o jornal entendeu, no artigo que nós fizemos, que quando eu falo em ter uma participação internacional... se ele está imaginando um cargo em alguma instituição, é um equívoco muito grande do (incompreensível). O que eu disse no artigo, concretamente, foi o seguinte: nós adquirimos, nesses oito anos no Brasil, um acúmulo muito grande de política social. Há uma coisa muito rica no Brasil que é a participação social, as formas de definição das políticas públicas brasileiras e o quanto é barato a gente cuidar dos pobres.

Então, o que eu disse no artigo é que eu tenho interesse em dedicar um espaço do meu tempo tanto para visitar país africano quanto para visitar países latino-americanos para trocar ideias com eles sobre a experiência do Brasil e sobre as experiências das coisas bem-sucedidas no Brasil. E essas coisas têm que ser feitas com muito cuidado, porque... primeiro, porque não é todo mundo que está precisando de conselho; segundo, não é todo mundo que aceita conselho; terceiro, é preciso saber se as pessoas têm interesse em ouvir aquilo que eu acho que deu certo no Brasil, e que poderia dar certo em outros países.

Essa coisa nós temos que tratar com muito carinho, com muita delicadeza para que ninguém tenha qualquer ideia de que o Brasil vai querer ter ingerência na política de nenhum país do mundo. Longe de mim, que sou um defensor da soberania dos países, querer ter ingerência. Agora, o que nós temos é um acúmulo muito rico de coisas que podem servir para países que tenham a mesma similaridade que tem o Brasil – foi isso que eu disse.

_____: Pergunta...



_____ : Só um complemento, pode ser, Ricardo?

_____ : Pode.

Jornalista: O complemento é o seguinte: na sua conversa com o presidente Berlusconi, ele mencionou a sua volta em 2014? Vocês conversaram isso?

Presidente: Não, não, não conversamos. Veja, eu tenho... Primeiro, deixa eu voltar à questão dos cargos internacionais. É importante vocês terem claro que, na minha cabeça, um cargo, como na ONU, não pode ser exercido por um político que tenha tanta importância contra os outros políticos. O Secretário-Geral da ONU é um empregado dos países e, portanto, ele tem que estar subordinado à orientação política dos países que compõem a ONU. Você não pode ter lá, na ONU, o presidente de um país. Imagina se amanhã o Presidente americano vira Secretário-Geral da ONU? Não é possível.

Então, o que eu defendo é que nesses cargos tem que ter um bom burocrata que saiba o limite da sua atuação e que saiba quem é que manda nesses fóruns, que são os países, que são a razão de ser desses fóruns.

Eu não conversei com o presidente Berlusconi sobre eleição, porque, também, vocês sabem da minha cabeça, como é que funciona. Veja, quando você tem um político mau caráter, ele elege ou uma pessoa muito fraca, ou ele prefere que a sua oposição ganhe, para ele poder voltar depois de quatro anos. Eu estou elegendo uma pessoa que eu considero o que eu tenho de melhor, mais competente, mais preparada, mais ousada e que, portanto, se eleita, ela tem o direito de fazer um belíssimo governo e tem o direito de pleitear um segundo mandato, como prevê a Constituição brasileira. Eu me contentarei em ser cabo eleitoral pela segunda vez.



_____ : Pergunta de Enrico Castelli, da Rai TV.

Jornalista: (em italiano)

Silvio Berlusconi: (em italiano)

Presidente: Uma coisa importante sobre essa parceria Itália-Brasil, que eu acho importante: primeiro, eu tenho consciência de que Brasil e Itália têm um potencial de balança comercial de 20, 25, 30 bilhões de dólares. É muito pouco US\$ 10 bilhões para dois países que, juntos, têm 250 milhões de habitantes e que, juntos, têm um PIB extraordinário.

O problema é que nós estamos habituados a um pouco da política que nós utilizávamos no século XX. A Itália tem uma grande relação comercial com os países europeus, nós tínhamos uma grande relação comercial com os países europeus e com os Estados Unidos, nós diversificamos, de 2003 para cá, e nós fomos muito para o Oriente Médio, muito para África e muito para a América do Sul.

Agora, eu fico imaginando, primeiro, o potencial das indústrias italianas que estão no Brasil, eu fico imaginando o potencial das indústrias italianas junto com indústrias brasileiras fazendo *joint ventures* para produzir coisas que Itália e Brasil precisam e produzir em terceiros países mais pobres. Eu fico imaginando, na medida em que a economia brasileira cresça e o povo vá tendo acesso à renda, os milhões de brasileiros que gostariam de conhecer o Coliseu, de conhecer Veneza, de conhecer Florença, de conhecer a estátua de Davi, de conhecer Assis, ou seja, tanta coisa estupenda que tem na Itália, do ponto de vista do turismo histórico, do turismo religioso – estou dizendo tudo isso sem falar do Vaticano –, e da quantidade de italianos que podem visitar o Brasil na medida em que o Brasil se desenvolva, ofereça mais qualidade de serviço, ofereça mais segurança.



Eu acho que o potencial é extraordinário e eu aprendi, nesses oito anos, que a diversificação das relações comerciais é uma necessidade de nós não ficarmos dependendo apenas de um bloco ou de um país. Portanto, eu sou muito otimista, muito otimista, com o potencial do crescimento da balança comercial entre Itália e Brasil.

_____ : Pergunta do colega Fábio Diamante, do SBT.

Presidente: Boa tarde.

Jornalista: Presidente, queria saber do senhor se o senhor discutiu com o presidente Berlusconi a questão do caso do Cesare Battisti. Se o senhor já tomou essa decisão, se ele será extraditado ou não, e porque dessa demora; se o senhor pretende deixar isso para o próximo presidente ou, eventualmente, para depois da eleição para evitar algum eventual desgaste político; se isso foi conversado e se está resolvido.

Presidente: Eu tenho dito, desde o primeiro dia em que vocês têm me perguntado sobre o Battisti, que eu só me pronunciarei sobre o caso quando os autos do processo estiverem no meu gabinete, na minha mesa, com o parecer da Advocacia-Geral da União, que é quem vai me orientar. Por enquanto, a Advocacia-Geral da União está estudando a decisão da Suprema Corte, ela tem o tempo que for necessário para que ela possa me dar um parecer adequado e, quando eu tiver o parecer, eu vou votar, independentemente do processo eleitoral. E eu também tenho dimensão que a relação do Brasil e da Itália é tão forte que, qualquer que seja a decisão sobre o Cesare Battisti, não trará nenhum arranhão na relação Itália-Brasil.

_____ : A última pergunta, do repórter Lorenzo Fucaro, Corriere della Sera.



Jornalista: (em italiano)

Presidente: Veja, eu vou apenas repetir o que eu já disse, ou seja, essa não é uma questão eminentemente política, é uma questão jurídica. Na hora em que a Advocacia-Geral da União me der um parecer eu tomarei a decisão em cima do parecer e da orientação jurídica da Advocacia-Geral da União.

Eu confesso a vocês que tomarei com muita tranquilidade essa decisão. Aqui, no Brasil, eu conheço gente que é contra, gente que é a favor; na Itália, eu conheço gente contra, gente a favor. Eu não tenho que me preocupar nem com os contra ou a favor daqui, nem da Itália, eu tenho que me preocupar com a decisão brasileira que será soberana, que será com base nos autos do processo e na orientação da Advocacia-Geral da União.

_____: Muito obrigado a todos e uma boa tarde.

_____: (incompreensível).

Presidente: A Seleção vai bem. Eu lamento que não tenhamos uma final com a Itália. Lamento, porque gostaria de ter uma final com a Itália. Mas, de qualquer forma, eu acho que nós vamos ter quatro países do Mercosul na final.

_____: (incompreensível).

Presidente: Eu vou tocar em um assunto aqui, Berlusconi, vou falar de um assunto aqui, vou falar aqui, que é importante. Veja, eu acho... Eu vou deixar a Presidência da República no dia 1º de janeiro, certamente não participarei de nem mais uma reunião da OMC, portanto, não participarei mais da Rodada de Doha enquanto Presidente da República. Vou morrer dizendo que o subsídio à



agricultura dos países ricos é prejudicial ao livre comércio, sobretudo para ajudar os países mais pobres.

Acho que o fato de os Estados Unidos terem colocado US\$ 1 bilhão e 700 milhões a mais para subsídio na sua agricultura é um sinal muito negativo, é um sinal muito negativo para quem passou a vida inteira falando em livre comércio. Livre comércio não é só para a gente vender os produtos da gente, livre comércio é também para a gente comprar os produtos dos outros, livre comércio significa uma possibilidade de igualdade, de uma certa equidade no comércio. Porque eu, quando fui negociar na OMC, eu pensava muito mais no que poderia ganhar os países africanos do que poderia ganhar o Brasil, porque, em se tratando de agricultura, o Brasil é altamente competitivo e não tem medo de disputar isso. Mas eu fico, fico pensando em um país africano, que tem como único instrumento, para a sua balança comercial, 400 mil toneladas de algodão, outros que têm apenas 20 mil toneladas de castanha. Ou seja, quando o Brasil entrou na OMC contra o subsídio do algodão, não foi pensando no Brasil, foi pensando nos países africanos, sobretudo em Mali, e nós ganhamos, e me parece que os americanos depositaram hoje 30 milhões, que é uma parcela da multa que eles têm que nos pagar por conta disso.

Eu, sinceramente, eu vou estar, eu vou estar no G-20, em Seul, eu vou estar no G-20, em Seul, e quero voltar a discutir a questão da Rodada de Doha, porque a crise econômica, ela será mais facilmente debelada se a gente resolver a questão do comércio no mundo. É isso.

E eu penso que nós estávamos perto. Berlusconi, nós, em outubro de 2008, não fizemos o Acordo de Doha por causa das eleições americanas e porque o negociador da Índia, o Kamal, tinha, na sua região, no seu estado, eleição em março de 2009 e, portanto, nem os americanos quiseram correr risco, nem os indianos quiseram correr risco, e quem pagou o preço foi o povo pobre, que poderia ter tido uma situação mais confortável.

De qualquer forma, vamos continuar acreditando que é possível a gente



concluir a Rodada de Doha em algum momento. Obrigado, querido.

_____ : (em italiano)

Silvio Berlusconi: (em italiano)

(\$31DGJLMP)